

Building the way

A RECEPÇÃO DE *POEMAS DOS BECOS DE GOLÁS E ESTÓRIAS MAIS*,
DE CORA CORALINA, POR SATURNINO PESQUERO RAMÓN

LA RECEPCIÓN DE POEMAS DOS BECOS DE GOLÁS E ESTÓRIAS MAIS,
DE CORA CORALINA,
POR SATURNINO PESQUERO RAMÓN

Jaqueline de Moura Souza¹ 
Márcia Maria de Melo Araújo² 

RESUMO

Este artigo analisa a crítica de Saturnino Pesquero Ramón sobre *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, primeiro livro publicado por Cora Coralina, que neste ano (2025) completa 60 anos de lançamento. Docente e escritor espanhol radicado no Brasil, Ramón fez significativas contribuições para o meio acadêmico goiano. Sua análise da obra inaugural de Cora é fundamental para o reconhecimento do valor literário do poemário, além de proporcionar fundamentos para novas abordagens críticas que permitam explorar e examinar o conteúdo poético do livro com rigor e sensibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Cora Coralina; Estética da Recepção; Literatura; Saturnino Pesquero Ramón.

RESUMEN

Este artículo analiza la crítica de Saturnino Pesquero Ramón sobre *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, el primer libro publicado por Cora Coralina, que este año (2025) celebra el 60° aniversario de su publicación. Ramón, un docente y escritor

¹Mestra em Língua, Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/UEG)

info@jaquelinemoura.com

<http://lattes.cnpq.br/5236583263315947>

<https://orcid.org/0009-0003-7137-1298>

²Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (FL/UFG)

marcia.araujo@ueg.br

<http://lattes.cnpq.br/4274917871675439>

<https://orcid.org/0000-0002-7762-3041>

Building the way

español radicado en Brasil, hizo significativas contribuciones a la comunidad académica de Goiás. Su análisis de la obra inaugural de Cora es fundamental para el reconocimiento del valor literario del poemario, además de proporcionar fundamentos para nuevas aproximaciones críticas que permitan explorar y examinar el contenido poético del libro con rigor y sensibilidad.

Palabras clave: Cora Coralina; Estética de la Recepción; Literatura; Saturnino Pesquero Ramón.

Considerações iniciais

Saturnino Pesquero Ramón foi um escritor e docente espanhol que se radicou no Brasil, deixando um legado significativo no meio acadêmico goiano. Doutor em Filosofia, com formação também em Psicologia e Teologia, Ramón integrou o corpo docente da Universidade Federal de Goiás de 1973 a 1992³, além de lecionar na Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Como professor de Psicologia Social, seu trabalho foi marcante, especialmente no campo da análise da obra de Cora Coralina. Em 2003, publicou *Cora Coralina — O Mito de Aninha*, um estudo detalhado e sensível sobre a vida e obra da poetisa. A segunda edição do livro, lançada em 2006, serve como base para esta pesquisa, que investiga a recepção de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* por Saturnino Pesquero Ramón.

A obra de Ramón (2006)⁴ oferece uma reflexão aprofundada sobre Cora Coralina, dialogando com pensadores como Freud, Jung, Schopenhauer, Heidegger, Nietzsche, Aristóteles e Platão. Seu livro convida o leitor a aprofundar-se na leitura da poesia da rapsoda dos becos, reconhecendo-a como um repositório de saberes humano-existenciais. Ao se posicionar como mediador da leitura de Cora Coralina, Ramón não é um leitor passivo, mas um agente ativo na construção do significado dos textos. Nesse sentido, este artigo se dedica a explorar como a recepção crítica do professor reconhece o valor da obra inaugural de Cora Coralina, ampliando o horizonte de expectativas evocado pelo poemário.

³ <https://ufg.br/n/151353-nota-de-falecimento?atr=pt-BR&locale=pt-BR>.

⁴ Neste artigo, utiliza-se exclusivamente a segunda edição de *Cora Coralina — O Mito de Aninha*, de Saturnino Pesquero Ramón. Por ser a única obra do autor referenciada, omite-se a repetição do ano e da edição nas citações subsequentes.

Building the way

A abordagem de Ramón alinha-se à estética da recepção, proposta por Hans Robert Jauss (1979) e Wolfgang Iser (1979; 1996), ao destacar o papel ativo do leitor na construção de significados. Segundo Jauss (1979), o sentido de uma obra literária não é estático, mas dinâmico, dependendo da interação entre o texto e o horizonte de expectativas do leitor. O conceito de “horizonte de expectativas” é fundamental para entender como cada leitor, com suas vivências culturais e históricas, projeta significados pessoais e contribui para a construção do sentido da obra. Ao analisar *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, Ramón não apenas interpreta a obra, mas também revela como ela ressoa em diferentes contextos culturais e históricos, ampliando o horizonte de expectativas dos leitores e reafirmando a universalidade da poesia de Cora Coralina.

Iser (1996) afirma que recepção é um processo dinâmico, em que o leitor não é um mero receptor, mas participa ativamente da construção do sentido do texto. Em *Cora Coralina — O Mito de Aninha*, Ramón — autor-leitor — ratifica essa premissa, demonstrando como a obra de Cora pode ser lida de maneiras diversas, dependendo do “horizonte mundivivencial” de cada leitor; das perspectivas da sociedade e da época em que vive. Assim, a análise da recepção de Ramón permite refletir sobre como o texto e o leitor se interrelacionam, dando forma ao entendimento da obra de maneira multifacetada e dinâmica.

Por sua vez, a avaliação da primeira obra publicada de Cora Coralina por Saturnino Pesquero Ramón é essencial para destacar o mérito literário da poetisa, além de oferecer bases para novas perspectivas críticas que possibilitem explorações e análises minuciosas e sensíveis do conteúdo poético presente no livro.

Cora da América: o olhar universal de Ramón sobre a poetisa

Iniciamos nossa análise pelo posfácio do livro de Ramón, cujo título é “Cora: outra ‘Juana de América’”, composto por três textos com os seguintes subtítulos: “A voz da americanidade”, “As ‘mil vozes’ dos três poetas da América” e “A ressonância mítica da *Americanidad*”. Os textos apresentam uma leitura de Cora Coralina que a eleva ao mesmo patamar de dois nomes latino-americanos canonizados: o chileno Pablo Neruda e a uruguaia Juana de Ibarbourou. Ramón sublima a poesia de Cora Coralina, destacando seu simbolismo cultural e seu sentido de pertencimento continental. Sua análise parte da centralidade do “milho” como um símbolo de luta, de sobrevivência e de resistência. Para o estudioso, a metáfora do milho presente em Cora, dialoga com imagens

Building the way

criadas por Neruda, e ele julga especialmente significativa a comparação entre os poemas “Oração do Milho”, de Cora Coralina, e “Amor América (1400)”, de Pablo Neruda.

Ramón observa que ambos poetas celebram o milho como uma metáfora da identidade e da resistência dos povos americanos, fortalecendo a ideia de Cora como representante de uma “voz da americanidade”.

O significado brasileiro, latino americanista e cosmopolita de “A oração do milho” e “Poema do milho” foi assinalado, como já foi dito, por Oswaldino Marques. Todavia, merece registro o significado, também ameríndio, das duas metáforas do milho — “lança terminada em fogo” e “lança de púrpura” — que Pablo Neruda emprega, respectivamente, em seus dois poemas “Vegetações” e “Amor América (1400)” para simbolizar, tanto o formato do continente americano, quanto a heróica luta de todos os seus povos, pela sobrevivência e independência, materiais e individuais (2006, p. 247, [grifos do autor]).

Os poemas “Oração do milho” de Cora Coralina, e “Vegetaciones” e “Amor América (1400)”, de Pablo Neruda, compartilham uma visão da América Latina enraizada na reverência à terra e à natureza, especialmente através do simbolismo do milho.

Oração do Milho

Senhor, nada valho.

Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres.

Meu grão, perdido por acaso,
nasce e cresce na terra descuidada.

Ponho folhas e haste, e se me ajudardes, Senhor,
mesmo planta de acaso, solitária,

dou espigas e devolvo em muitos grãos
o grão perdido inicial, salvo por milagre,
que a terra fecundou.

Sou a planta primária da lavoura.

[...]

(Coralina, 1965, p. 76)

Vegetaciones

[...]

Como una lanza terminada en fuego
apareció el maíz, y su estatura

Building the way

se desgranó y nació de nuevo,
diseminó su harina, tuvo
muertos bajo sus raíces,
y, luego, en su cuna, miró
crecer los dioses vegetales.

[...]

(Neruda, 1955, p. 4)

Amor América (1400)

[...]

oh tú, planta nupcial, cabellera indomable,
madre caimán, metálica paloma.

Yo, incásico del légamo,
toqué la piedra y dije:

Quién

me espera? Y apreté la mano
sobre un puñado de cristal vacío.

Pero anduve entre flores zapotecas
y dulce era la luz como un venado,
y era la sombra como un párpado verde.

Tierra mía sin nombre, sin América,
estambre equinoccial, lanza de púrpura,
tu aroma me trepó por las raíces
hasta la copa que bebía, hasta la más delgada
palabra aún no nacida de mi boca.

[...]

(Neruda, 1955, p. 2)

Em “Oração do milho”, Cora celebra o ciclo de vida e o esforço humano em conexão com a terra, valorizando o papel do milho como sustento e símbolo de uma identidade cultural profunda e resiliente. De maneira semelhante, Neruda, em “Vegetaciones” e “Amor América (1400)”, usa o milho como metáfora da América indígena e de sua luta, representando-o como uma “lança terminada em fogo” e “lança de púrpura” — imagens que evocam a força e resistência dos povos latino-americanos. Em ambos os poetas, o milho transcende o significado de alimento para se tornar símbolo de identidade, sobrevivência e vitalidade da cultura latino-americana, reforçando o pertencimento à terra e à história do continente.

A leitura de Ramón sobre o simbolismo do milho em Cora Coralina e Pablo Neruda exemplifica o conceito de “horizonte de expectativas” de Jauss (1979). Ao conectar a obra de Cora a uma tradição

Building the way

literária latino-americana, Ramón demonstra como o leitor atualiza o significado do texto, inserindo-o em um contexto maior de luta cultural e identitária. Essa abordagem ressalta a dinâmica da recepção, na qual o texto literário ganha novas camadas de significado a partir da interação com o leitor e seu contexto histórico.

Ao propor que Cora seja vista como “Cora da América”, Ramón sugere que ela participa de uma tradição poética comprometida com a valorização das raízes latino-americanas e com a resistência cultural, em uma trajetória semelhante às de Pablo Neruda e Juana de Ibarbourou, que também escreveu sobre a condição feminina e as raízes culturais de seu país. Ramón expõe que, ao versar sobre temas femininos e do campo, ambas as poetisas representam uma poética de resistência, na qual o “espírito de americanidade” se manifesta em uma luta pela valorização de suas culturas e identidades. Assim, o título “Cora da América”, alvitado por Ramón, sublinha a tese de que a recepção da obra de Cora transcende as fronteiras de Goiás e do Brasil, pois seu simbolismo poético fala em nome de uma “genuína americanidade”.

Em um contexto em que as obras de Cora e Juana se tornam representações arquetípicas da terra e da luta dos povos americanos, o uso da voz poética ganha um significado de defesa cultural, oferecendo à obra de Cora um sentido coletivo, em que o indivíduo se une à sua gente e logo ao continente. Desse modo, a leitura de Ramón é significativa, pois minimiza a distância de horizontes entre a voz poética e o leitor.

Ressoando a estética da recepção, o autor de “Cora da América” revela como os leitores podem interpretar o valor de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* ao inseri-la em um contexto maior, como o da luta cultural e da identidade latino-americana. Ramón capta em Cora uma poeta que celebra o “Novo Mundo” com uma voz enraizada e universal. Nesse sentido, o “Novo Mundo” representa uma América Latina rica em cultura, tradições e raízes, distinta do Velho Continente europeu. Esse “Novo Mundo” se refere a uma perspectiva na qual as vozes e as vivências locais — muitas vezes marginalizadas ou silenciadas pela hegemonia cultural europeia — ganham destaque e legitimidade.

Para Ramón, Cora Coralina é uma das poetisas que celebra essa realidade americana com uma visão arraigada em sua terra e em sua gente, mas que também atinge uma universalidade pela empatia e pela valorização das experiências de vida dos mais simples. Desse modo, o “Novo Mundo” simboliza uma América em que a cultura popular, a vida rural e as identidades locais são reconhecidas e elevadas à dignidade da poesia e da literatura continental. Para o estudioso, a poesia de Cora representa uma forma de resistência e afirmação cultural que se alinha a

Building the way

outros autores latino-americanos, como os mencionados, Neruda e Ibarbourou, que também buscaram representar a realidade e a luta de seus povos.

O Modernismo em Cora

Pesquero Ramón identifica a obra de Cora Coralina como parte da vertente modernista brasileira, reconhecendo nela um movimento de valorização nacionalista e um comprometimento com a causa popular e a inclusão social.

No âmbito dessa reflexão, é surpreendente como Cora, na paradoxal condição de "intelectual-doceira", realizou com fidelidade ideais do modernismo, como a identidade nacional, a causa feminina e uma literatura voltada para a promoção do povo, por meio da assimilação e valorização da cultura popular. [...] Na maturidade, já com mais de setenta anos, quando consegue a publicação de sua obra *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965), mostra o mesmo perfil inovador, que definirá sua obra até o fim de sua sábia e compromissada existência (Ramón, 2006, p. 249).

O autor identifica a adesão de Cora Coralina aos ideais modernistas, ressaltando a condição única de "intelectual-doceira" que permeia sua escrita. Para o acadêmico, mesmo à margem dos grandes centros culturais e distante da efervescência da Semana de Arte Moderna de 1922, Cora demonstra uma capacidade notável de internalizar e expressar valores centrais do modernismo, como a exaltação da identidade nacional, a valorização da cultura popular e um sutil feminismo. Poemas como "Todas as Vidas" e "Estória do Aparelho Azul-Pombinho" permitem o vislumbre disso:

Todas as Vidas
Vive dentro de mim
uma cabocla velha
de mau-olhado,
acorada ao pé do boralho,
olhando pra o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum. Orixá.
Macumba, terreiro.

Building the way

Ogã, pai de santo...
 Vive dentro de mim
 a lavadeira do Rio Vermelho.
 Seu cheiro gostoso
 d'água e sabão.
 [...]
 Vive dentro de mim
 a mulher do povo.
 Bem proletária.
 Bem linguaruda,
 desabusada,
 sem preconceitos,
 de casca grossa,
 de chinelinha,
 e filharada.
 Vive dentro de mim
 a mulher roceira.
 – Enxerto da terra,
 meio casmurra.
 Trabalhadeira.
 Madrugadeira.
 Analfabeta.
 De pé no chão.
 Bem parideira.
 [...]
 Vive dentro de mim
 a mulher da vida.
 Minha irmãzinha...
 tão desprezada, tão murmurada...
 Fingindo alegre seu triste fado.
 Todas as vidas dentro de mim:
 Na minha vida – a vida mera das
 obscuras
 (Coralina, 1965, p. 1-2).

Ao analisar “Todas as Vidas”, Ramón destaca como a autora, no poema, lança luz a todas as mulheres cuja sina seja “a vida mera das obscuras” — tema que será desenvolvido mais adiante. Para ele, Cora Coralina liberta do “silêncio outros tantos seres femininos com os quais se identifica”.

Estória do Aparelho Azul-Pombinho
 [...]
 Era a estória de um aparelho de jantar

Building the way

que tinha sido encomendado de Goiás
através de uma rede de correspondentes,
como era de norma naquele tempo.

Encomenda levada numa carta
em nobre estilo amistoso-comercial.
Bem notada. Fechada com obreia preta...
[...]

Enquanto se esperava, escravas de dentro,
fiavam na roda e urdiam no tear.
Mucamas compenetradas, mestreadas por rica-dona,
sentadas nas esteiras, nos estrados de costura,
desfiavam, bordavam, crivavam,
repolegavam
o bragal de minha avó.
Sinhazinha de catorze anos-fermosura.
Prendada. Faceira.
Muito certa na Doutrina.
Entendida do govêrno de uma casa
e analfabeta.
Diziam os antigos educadores:
“- Mulher saber ler e escrever não é virtude”
(Coralina, 1965, p. 12-14).

A narração poética do cotidiano e o reforço à denúncia da sina feminina em “Estória do Aparelho Azul-Pombinho”, para o crítico, dialogam com o movimento modernista. Ramón sugestiona que o fato de Cora estar longe dos centros urbanos e das discussões acadêmicas, conferiu à poetisa uma liberdade artística singular, permitindo-lhe abraçar o modernismo à sua maneira, comprometida não com os formalismos literários, mas com o povo e a terra que representava em seus versos.

O crítico traça paralelos com a Semana de Arte Moderna de 1922, colocando a poética de Cora no mesmo contexto de afirmação e emancipação cultural. Segundo o autor, ao dialogar com os valores do modernismo, Cora contribui para um movimento de renovação mental que questiona as tradições eurocêtricas das artes no Brasil, tal como se observou na produção de artistas como Tarsila do Amaral.

Nesse campo da linguagem popular/erudita, propugnada pela Semana de Arte Moderna, não é difícil nem forçado, tampouco impróprio, estabelecer certos paralelismos entre

Building the way

a linguagem pictórica de Tarsila do Amaral e a linguagem literária de Cora Coralina. É sob esse prisma crítico-literário que deve ser interpretada a admiração de Carlos Drummond de Andrade pela obra de Cora, sem jamais reduzi-la apenas à reação afetivo-sentimental, provocada pela figura da velhinha simpática, vivaz e corajosa (Ramón, 2006, p. 250).

A comparação com Tarsila evidencia a identificação de Ramón com a linguagem popular da poetisa, que ele interpreta como um elemento crucial da estética coralina, responsável por aproximá-la de uma sensibilidade autêntica e acessível ao público comum. No contexto da estética da recepção, essa leitura enfatiza como o público pode encontrar em Cora uma voz que, ao ecoar a simplicidade do “dizer poético” popular, resgata e valida a identidade brasileira. Ramón vê Cora Coralina como uma artista que, a partir de uma posição humilde e regionalista, enriquece o movimento modernista com sua autenticidade e acessibilidade. Ao identificar esses elementos em *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, o autor propõe uma leitura que valoriza não só o conteúdo poético da obra, mas também seu papel na construção de uma literatura inclusiva, solidária com o público nacional.

Ao analisar versos do poema “Beco da Escola”, Saturnino Pesquero Ramón situa Cora como uma figura singular do modernismo brasileiro, embora sua obra não tenha sido publicada na época da Semana de Arte Moderna de 1922. A observação do crítico destaca o modo como a poetisa conseguiu captar e transmutar em arte o cenário aparentemente banal dos becos e monturos de Goiás, realizando o que ele chama de “milagre” poético.

[...]
Poetas e pintores
românticos, surrealistas, concretistas, cubistas,
eu vos conclamo.
Vinde todos cantar, rimar em versos,
bizarros, coloridos,
os becos da minha terra.
[...]
Ao meio-dia desce sobre eles, vertical,
um pincel de luz
rabiscando de ouro seu lixo pobre,
criando rimas imprevistas nos seus monturos.
(Coralina, 1965, p. 44-45)

Building the way

O poema “Do Beco da Vila Rica”, é também testemunho do poder de alquimia da poetisa:

No beco da Vila Rica
tem sempre uma galinha morta.
Preta, amarela, pintada ou carijó.
Que importa?
[...]
Na velhice dos muros de Goiás o tempo planta avencas.
Monturo:
Espólio da economia da cidade.
Badulaques:
Sapatos velhos. Velhas bacias.
Velhos potes, panelas, balaio, gamelas, e outras furadas
serventias vêm dar ali.
Não há nada que dure mais do que um sapato velho jogado
fora.
Fica sempre carcomido,
ressecado, embodocado,
saliente por cima dos monturos.
[...]
Diz a crônica viva de Vila Boa
que, debaixo do cano da Vila Rica,
passa um filão de ouro.
Vem da Rua Monsenhor Azevedo.
Rico filão. Grosso filão.
Veia pura, confirmada.
Atravessa o beco – daí o nome de Vila Rica.
E vai engolido pelo Rio Vermelho.
(Cora Coralina, 1965, p. 35-39)

O pesquisador ressalta a habilidade de Cora em elevar os elementos cotidianos e desprezados a uma estética própria, de modo similar à corrente modernista que buscava encontrar beleza e profundidade naquilo que era simples, marginal ou desvalorizado.

Pelo poder da “pedra filosofal” de sua alquimia poética. Cora consegue o milagre de que se lavrem em seus versos, tanto o obscuro “ouro” do sapato velho dos monturos dos becos, quanto o precioso metal escondido nas entranhas de sua cidade, como se vê nestas passagens do poema “Do Beco da Vila Rica” [...] Confirma a dimensão moderna do poder criativo coralino, capaz de transmutar em ouro o lixo pobre, um trecho do poema “O Beco da Escola”. Nele, pode-se

Building the way

constatar sua consciência de Modernidade, ao conclamar poetas e pintores para essa corrida do ouro aos becos de Goiás (Ramón, 2006, p. 111-112, [grifos do autor]).

A imagem da “pedra filosofal” sugere que Cora possui um poder criativo especial, capaz de transmutar o prosaico e até o indigente em poesia. Ramón vê isso como um toque modernista na obra coralina, uma “corrida do ouro” poética, na qual o lixo dos becos de Goiás, tocado por seu “pincel de luz,” se transforma em um “flão de ouro”. Esse ouro metafórico — composto pela história, pela cultura popular e pela vida cotidiana de sua terra — ganha uma grandeza que ecoa o espírito de inovação da estética modernista, em que o verso livre e a inclusão de temas do dia a dia tornam-se marcas da literatura.

Ramón enxerga em Cora uma alquimista modernista: ela transforma o lixo, os monturos e o cotidiano de sua cidade em imagens de riqueza e grandeza poética. Nos versos de “Beco da Vila Rica”, a poetisa transforma “o obscuro ‘ouro’ do sapato velho dos monturos” em algo precioso, fundindo poesia e entulho — o que Ramón diz evocar o espírito do *ready-made* nas artes plásticas, mas com uma engenhosidade criativa que permanece profundamente literária.

A análise de Ramón sobre o modernismo em Cora Coralina pode ser enriquecida pela perspectiva da estética da recepção de Wolfgang Iser (1979), que destaca a importância dos “vazios” ou “lacunas” no processo de leitura. Segundo Iser,

são os vazios, a assimetria fundamental entre texto e leitor, que originam a comunicação no processo da leitura. [...] Este vazio, contudo, não é apresentado como um fundamento ontológico, mas é formado e modificado pelo desequilíbrio reinante nas interações diádicas e na assimetria do texto com o leitor. O equilíbrio só pode ser alcançado pelo preenchimento do vazio, por isso o vazio constitutivo é constantemente ocupado por projeções (Iser, 1979, p. 88).

Essa ideia de “vazios” como espaços de indeterminação é fundamental para entender como a obra de Cora Coralina engaja o leitor. Ao transformar o cotidiano dos becos de Goiás em poesia, Cora cria lacunas textuais que convidam o leitor a preenchê-las com suas próprias experiências, memórias e interpretações. Ao destacar essa capacidade de Cora de elevar o prosaico ao sublime, Ramón revela como esses vazios funcionam como pontos de conexão entre o texto e o leitor, estimulando uma leitura ativa e participativa.

Building the way

Essa dinâmica de preenchimento dos vazios amplia o horizonte de expectativas do leitor e também reforça o caráter modernista da obra de Cora, sugerido pelo estudioso. Ao valorizar o cotidiano e o regional, Cora não se limita a descrever uma realidade local; ela a transforma em um espaço de reflexão universal, onde o leitor é convidado a projetar seus próprios significados. Dessa forma, a poesia de Cora transcende seu contexto imediato, abrindo-se a múltiplas interpretações e reafirmando sua relevância tanto no modernismo brasileiro quanto na literatura universal.

A mulher e o feminino em Cora

Em sua análise sobre a obra de Cora Coralina, Saturnino Pesquero Ramón observa a profundidade com que a poetisa representa as mulheres “obscuras”, aquelas cuja voz e existência foram historicamente ignoradas ou silenciadas. Ramón considera que o feminismo de Cora não é marcado por panfletarismo ou confronto aberto. Em vez disso, é um feminismo que reconhece o feminino na sua expressão social e cultural, buscando dar visibilidade às mulheres que a sociedade ignora. As mulheres representadas nos versos de Cora, segundo Ramón, não são “femininas” em um sentido idealizado ou genérico, mas sim figuras que trazem consigo marcas de luta, resistência e invisibilidade.

As vozes que, numerosas, cascateiam nas rimas de Aninha são femininas, da nascente ao fim. Não se trata, no entanto, de vozes femininas em sentido genérico. Essas vozes têm a identidade peculiar de vozes das “obscuras”, segundo a lapidar caracterização da poetisa. São vozes-cantos que rompem o silêncio do heroísmo calado. Do heroísmo que não veio à luz, na obscuridade do anonimato ou da discriminação social. A natureza de seu gesto libertador consiste nisto: libertar das trevas, do silêncio, da falta de reconhecimento. O feminismo coralino não é panfletário, “subversivo”. É, sobretudo, de reconhecimento do feminino, socialmente esquecido, propositadamente silenciado e discriminado, e, por isso mesmo, subvalorizado, secularmente institucionalizado como inferior ao masculino (Ramón, 2006, p. 112-113, [grifos do autor]).

Ramón destaca que a poética coralina se volta para a mulher que, no cotidiano, vive o “heroísmo calado” e o anonimato, como uma lavadeira, uma benzedeira ou uma “mulher da vida”. A escolha dessas

Building the way

personagens revela a proposta de Cora em narrar o cotidiano e os desafios das mulheres comuns, cujo heroísmo reside em enfrentar a vida sem reconhecimento ou aplausos. Esse aspecto — a seleção dessas personagens que evocam imagens e realidades que o poema tenta representar — sugere a construção do horizonte de expectativa da autora, enquanto a análise de Ramón indica a construção do horizonte de expectativa do leitor. Para Cora, essas mulheres possuem uma dignidade intrínseca, e seu papel é resgatar essa grandeza “obscura” para que elas possam ser reconhecidas — o que se traduz em um ato poético e político de libertação: ao nomear e narrar essas mulheres, Cora as retira da condição de invisibilidade social, transformando-as em protagonistas da sua poética.

Ramón interpreta o feminismo de Cora como uma força que busca o reconhecimento e o resgate histórico das mulheres, sem necessariamente promover uma revolução ou antagonismo com o masculino. Trata-se de um feminismo que valoriza as contribuições e os sofrimentos das mulheres, enquanto reflete sobre como a sociedade as discriminou e subvalorizou ao longo do tempo. Cora Coralina recorre à poesia para dignificar essas figuras femininas, uma estratégia que Ramón observa como uma alternativa mais reflexiva e que visa a sensibilizar o leitor, ao invés de apenas provocá-lo.

O poema “Todas as Vidas” é citado como um exemplo central em que Cora explora a multiplicidade das vidas femininas ao seu redor. Ao enumerar diferentes mulheres — benzedeiras, lavadeiras, cozinheiras, mulheres proletárias, roceiras e mulheres da vida —, Cora cria um retrato coletivo, tornando-se um “ser universal” ou “coração universal” com essas mulheres. Esse “coração universal”, segundo o crítico, representa uma abertura para acolher as experiências das mulheres que são rotineiramente deixadas às margens. Ramón percebe nesse poema uma “aula de sociologia” em que Cora, sem preconceitos ou idealizações, desenha um quadro realista e empático das mulheres com quem se identifica.

Para o estudioso, os papéis de lavadeira e “mulher da vida” têm destaque na obra de Cora por serem representantes do que a poetisa chama de “a vida mera das obscuras.” A lavadeira e a “mulher da vida” são as heroínas anônimas do cotidiano, cujas vidas refletem não apenas o trabalho árduo, mas também uma complexa rede de significados e valores que Cora valoriza e amplifica em sua poesia. Os poemas “A lavadeira” e “Mulher da vida” atuam como metáforas da resistência feminina, nas quais a autora transfigura as experiências dessas mulheres em símbolos de força, abnegação e, ao mesmo tempo, de sofrimento e

Building the way

exclusão. Ao dar espaço a essas mulheres, Cora não apenas documenta suas existências, mas também questiona e reformula a percepção de valor e de reconhecimento a respeito delas. Assim, Ramón observa que a poética coralina, ao somar essas vozes e histórias, faz de Cora uma “voz libertária da mulher silenciada,” que rompe o anonimato e deixa um legado de resistência e visibilidade para o feminino marginalizado.

“Desse ‘coro’ das ‘obscuras’, destaca-se, em contraponto, o timbre e a melodia da Maria, de ‘As tranças da Maria’. Esse longo poema é um dos mais belos de Cora e aquele que melhor encarna o espírito popular da poesia coralina” (Ramón, 2006, p. 115). Ao analisar o referido poema, que integra o universo feminino, Pesquero Ramón verifica em Cora Coralina uma poetisa capaz de recontextualizar narrativas míticas universais em um cenário regional, específico e brasileiro, sem perder a profundidade simbólica que as torna universais.

O estudioso vê em “As Tranças da Maria” uma recriação do mito de “A Bela e a Fera”, no qual Cora utiliza simbolismos que ecoam não só a tradição folclórica brasileira, mas também arquétipos que refletem a complexidade da sexualidade e do amadurecimento feminino. Maria, ao se perder para a “besta-fera” (ambígua entre a serpente e a onça), é inserida num rito de passagem onde sua sexualidade não-incestuosa encontra expressão, desdobrando-se em um sacrifício simbólico e uma entrega à sua identidade feminina. Ramón sugere que a “besta-fera” em Cora opera em um nível além da concretude folclórica: ela incorpora o desafio que toda mulher enfrenta ao reconciliar suas pulsões instintivas com as expectativas sociais.

Os significados simbólicos do pote (sexualidade), da cruz (sacrifício da doação feminina) e da lamparina-dia-e-noite (vigilância paterna diuturna) são revelados de forma cristalina. No plano histórico-biográfico, Aninha foi a terceira de quatro irmãs, e Bela era a caçula também de quatro irmãs (secretas e insondáveis coincidências das leis da sincronicidade, como diria Jung). Aninha declara em seu poema “Minha infância (FREUDIANA)”: Quando nasci meu velho Pai [com maiúscula] agoniza. / logo após morria. / Cresci filha sem pai, [com minúscula] / secundária na turma das [quatro] irmãs. / Eu era triste, nervosa e feia. / Amarela, de rosto empalamado. / De pernas moles, caindo à toa. / Os que assim me viam — diziam: / “— Essa menina é o retrato vivo do velho pai doente” (Ramón, 2006, p. 124-125, [grifos do autor]).

Building the way

Na análise de Ramón sobre o poema “As Tranças da Maria”, os elementos simbólicos — o pote, a cruz e a lamparina — são destacados como ícones representativos que remetem à psique feminina e à relação de Cora com figuras arquetípicas e familiares. O pote, segundo Ramón, simboliza a sexualidade feminina, sendo associado à receptividade e fertilidade, algo que o poema retrata ao trazer Maria indo ao rio para buscar água. A imagem do pote é intimamente ligada ao despertar do corpo feminino, tanto como objeto cotidiano quanto como símbolo do útero, lugar da transformação e do nascimento. A busca de Maria por água, em contato com a “besta-fera”, sugere um encontro com a própria sexualidade, enquanto o simbolismo do pote expandido é reforçado por expressões populares, como “quebrar o pote”, que na cultura brasileira central remete ao início do ciclo menstrual e, conseqüentemente, à entrada na vida adulta.

Ramón enxerga na cruz o símbolo do sacrifício feminino, uma metáfora que evoca não apenas dor, mas o ato de entrega de si, característico do papel feminino nas sociedades patriarcais. Ao cravar a cruz no barranco do rio, o pai de Maria revela tanto a aceitação quanto a saudade que sente por sua filha, num reconhecimento do desenvolvimento feminino da jovem e de sua inevitável jornada. No universo de Cora, isso ressoa como sua própria trajetória de mulher que desafiou as expectativas sociais e se dedicou à literatura, vivenciando os sacrifícios e renúncias exigidos pelas suas escolhas.

A lamparina acesa dia e noite funciona como símbolo da presença protetora e vigilante do pai, que mesmo ausente, mantém um laço de cuidado e proteção sobre a filha. Para Ramón, essa vigilância remete ao arquétipo do Pai, presente no inconsciente coletivo, que permanece como uma luz, iluminando e guiando o percurso da jovem mesmo de longe. No plano biográfico, Ramón sugere uma comparação com a história de Cora, que perdeu o pai logo cedo e foi a terceira entre quatro irmãs, uma coincidência que ele considera significativa.

O acadêmico recorre ao conceito de sincronicidade de Jung para interpretar a “coincidência” entre a biografia de Cora e os eventos simbólicos no poema. Em “Minha Infância (Freudiana)”, Cora relembra a fragilidade de sua saúde e a ausência paterna, temas que reforçam a centralidade do Pai arquetípico na sua vida e obra. A distinção entre “Pai” com maiúscula e “pai” com minúscula, ressaltada por Ramón, sugere uma dualidade: o Pai arquetípico representa a figura espiritual e protetora, enquanto o pai histórico ausente simboliza uma lacuna que ela preenche com a força poética de sua obra.

Building the way

Esses elementos, analisados pelo estudioso, posicionam o poema “As Tranças da Maria” como uma narrativa que transcende o particular para alcançar um simbolismo universal. O encontro de Maria com o pote e a besta-fera, guiado pela lamparina e marcado pela cruz, é uma metáfora da jornada feminina em busca de autoconhecimento e completude. Assim, o poema torna-se uma ponte entre a experiência pessoal de Cora e os temas arquetípicos, tocando verdades universais que ressoam tanto na psique individual quanto coletiva.

Sobre o desfecho do poema — a transformação das tranças de Maria em rédeas para o cavalo de Izé da Badia —, para Ramón, simboliza o desejo idealizado que transcende o mero encontro físico e remete à perpetuação da memória da mulher no imaginário masculino. Ao comparar essa interpretação à psicanálise e ao simbolismo junguiano, o estudioso legitima a profundidade de Cora ao tocar em temas universais, como a busca de individuação e a superação de complexos arquetípicos familiares. Ele ressalta que, apesar do caráter popular da poesia coralina, há nela uma consciência das forças inconscientes que regem a psique humana, e por isso Cora não apenas preserva, mas renova esses temas eternos. Assim, “As Tranças da Maria” transcende o plano regional, posicionando-se como uma versão única do mito, que carrega, como afirma Ramón, um valor universal e pátrio, testemunho da capacidade poética de Cora Coralina de extrair o sublime da simplicidade.

Cora Freudiana

Ao observar a profundidade com que Cora Coralina explora suas experiências e memórias inconscientes nos poemas “Vintém de Cobre (Freudiana)” e “Minha infância (Freudiana)”, Saturnino Pesquero Ramón sugere que a poetisa, ao intitular esses poemas como “Freudianos”, demonstra um entendimento consciente da psicanálise, aplicando seus conceitos para revisitar e transformar as complexidades de sua infância e juventude. A autora retrata seus “complexos” de maneira resoluta, seja em relação à pobreza, ao preconceito de classe, à rejeição familiar ou à falta de apoio afetivo, aspectos que, de acordo com Ramón, marcaram sua subjetividade.

Em “Vintém de cobre (FREUDIANA)” Cora expõe que seus complexos não derivam tanto da pobreza vivida quanto do preconceito existente, em seu meio, contra ela. O que se identifica como complexo de pobreza, fundamenta-se, segundo a autora, em um duplo preconceito. Uma de suas faces está expressa dos adágios dos velhos, carregados da

Building the way

sentença de que ‘pobre não tem vez’ [...] Em “Minha infância (FREUDIANA)”, pode-se ouvir seu relato poético sobre outros complexos (Ramón, 2006, p. 80-81, [grifos do autor]).

Ramón concebe que, embora a voz poética de Cora denuncie as inquietudes do passado da autora, a poetisa utiliza esses traumas como força motriz para a criação e para a resiliência, ao transmutar suas experiências pessoais em uma poética de reconstrução e resistência. O crítico ressalta que, apesar do sofrimento implícito, Cora emerge como uma figura de grande resiliência, expressando uma visão positiva e libertadora que transcende seus traumas, reforçando a imagem de uma mulher que, ao integrar suas experiências com sabedoria, transforma “pedras” em “poemas” e “doces”. Essa perspectiva sugere que a autora alcança uma espécie de autossuperação psicanalítica, reinterpretando e resignificando sua trajetória com autenticidade e força, em uma espécie de autoterapia literária.

[Vintém de Cobre (freudiana)], da obra *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, descreve as coisas do tempo de Cora, guardando a ressonância afetiva e as marcas indelévels (freudianas) que tais circunstâncias de bíblica penúria deixaram em sua alma de criança. O conjunto de seus poemas constitui, pelo seu conteúdo temático, uma memória ou crônica de sua cidade, de sua terra e de sua gente, como ela própria esclarece: Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do Passado antes que o Tempo passe tudo a raso (Ramón, 2006, p. 206-207, [grifos do autor]).

No fragmento, Saturnino reitera como Cora Coralina preserva as marcas emocionais e até psicanalíticas das privações que viveu em sua infância, o que ele interpreta como “ressonância freudiana”. Essa análise revela o modo como a poetisa transforma as memórias e as dificuldades da infância em temas poéticos que documentam a vida de sua cidade e as condições de seu povo. Ramón parece ver em Cora uma “cronista poética”, que reaviva memórias e experiências vividas não apenas para si, mas para as gerações futuras, exercendo uma espécie de resistência contra o esquecimento coletivo. Ao assinalar a responsabilidade que a autora assume ao “assinar os autos do Passado,” Ramón enfatiza a relevância de sua obra como um registro cultural e afetivo, transformando o passado pessoal e local em uma memória compartilhada, que desafia o “tempo a passar tudo a raso”.

Building the way

A análise do pesquisador sobre os poemas “Vintém de Cobre (Freudiana)” e “Minha Infância (Freudiana)” ganha profundidade quando vista à luz da estética da recepção de Hans Robert Jauss (1979). Segundo o expoente,

[a] experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra; menos ainda, pela reconstrução da intenção de seu autor. A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com (*Einstellung auf*) seu efeito estético, i.e., na compreensão fruidora e na fruição compreensiva. Uma interpretação que ignorasse esta experiência estética primeira seria própria da presunção do filólogo que cultivasse o engano de supor que o texto fora feito, não para o leitor, mas sim, especialmente, para ser interpretado (Jauss, 1979, p. 46, [grifo do autor]).

Essa ideia ressalta que a experiência literária começa com o envolvimento emocional e intuitivo do leitor, e não com a busca por uma interpretação racional ou pela intenção autoral. Ao revisitar suas memórias de infância e juventude, Cora Coralina convida o leitor a uma jornada de autoconhecimento e ressignificação, criando uma experiência estética que transcende o individual e ressoa no coletivo. Ao destacar a resiliência e a autossuperação presentes na poesia de Cora, Ramón reforça a ideia de que a literatura é um espaço de transformação, tanto para o autor quanto para o leitor. Nesse sentido, a obra de Cora não se limita a transmitir significados pré-definidos; ela provoca uma “fruição compreensiva”, na qual o leitor é mobilizado a refletir sobre suas próprias experiências e traumas, atualizando o texto em seu contexto pessoal e histórico. Dessa forma, a poesia de Cora Coralina se revela como um convite contínuo ao diálogo entre texto e leitor, em um processo que Jauss (1979) descreve como essencial para a realização plena da experiência literária.

Considerações Finais

A análise de Saturnino Pesquero Ramón sobre *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, de Cora Coralina, revela-se fundamental para a compreensão da obra inaugural da poetisa goiana, destacando seu valor literário e cultural. Com sua abordagem interdisciplinar, que dialoga com a filosofia, a psicologia e a teoria literária, Ramón oferece uma leitura profunda e sensível da poesia de Cora, situando-a não apenas no contexto regional, mas também no âmbito universal da literatura latino-americana.

Building the way

Sua crítica reconhece a originalidade e a força da voz poética de Cora, abrindo caminho para novas interpretações que exploram a riqueza temática e simbólica de sua obra.

Sua investigação também demonstra como a estética da recepção pode iluminar a percepção da obra de Cora, evidenciando o papel ativo do leitor na construção de significados. Ao destacar elementos como a metáfora do milho, o feminismo não panfletário e a ressignificação de traumas pessoais, Ramón revela como a poesia de Cora convida o leitor a preencher os vazios textuais com suas próprias projeções, criando uma experiência literária que transcende seu contexto imediato e ganha ressonância universal. Esse processo dinâmico, em que o leitor se envolve ativamente com o texto, reforça a multidimensionalidade da obra coralina e amplia sua interpretação, alinhando-se ao conceito de Iser (1979; 1996) sobre a interação entre texto e leitor.

Ao elevar Cora Coralina ao patamar de grandes nomes da literatura latino-americana, como Pablo Neruda e Juana de Ibarbourou, Ramón destaca o caráter universal de sua poesia, que transcende as fronteiras geográficas e culturais. A metáfora do milho, por exemplo, é analisada como um símbolo de resistência e identidade continental, conectando a obra de Cora a uma tradição literária comprometida com a valorização das raízes culturais e a luta pela sobrevivência dos povos americanos. Essa leitura amplia o horizonte de expectativas em relação à obra coralina, inserindo-a em um contexto maior de defesa cultural e afirmação identitária.

No que diz respeito ao modernismo, Ramón identifica em Cora Coralina uma adesão singular aos ideais do movimento, mesmo à margem dos grandes centros culturais. A condição de “intelectual-doceira” da autora é vista como um paradoxo que enriquece sua poética, permitindo-lhe captar a essência modernista de forma singular e regional. Sua capacidade de transformar o cotidiano dos becos de Goiás em poesia, elevando o prosaico ao nível do sublime, é interpretada como uma manifestação do espírito modernista de inovação e valorização da cultura popular. Ramón ressalta ainda a importância da linguagem simples e acessível de Cora, que aproxima sua obra do público comum, ao mesmo tempo em que mantém uma profundidade temática e simbólica.

A representação do feminino na obra de Cora Coralina também é analisada com sensibilidade pelo crítico, que identifica em sua poesia um feminismo não panfletário, mas comprometido com o reconhecimento e a valorização das mulheres “obscuras”. Ao dar voz a

Building the way

lavadeiras, benzedeadas e outras figuras marginalizadas, Cora resgata a dignidade e o heroísmo dessas mulheres, transformando suas histórias em símbolos de resistência e luta. Ramón destaca a importância de poemas como “Todas as Vidas” e “As Tranças da Maria”, que, além de retratar a complexidade da experiência feminina, dialogam com arquétipos universais, como o mito de “A Bela e a Fera”, conferindo à obra de Cora uma dimensão simbólica e atemporal.

Por fim, a análise do estudioso sobre os aspectos psicanalíticos da poesia coralina revela como Cora utiliza a literatura como um meio de ressignificação de suas experiências pessoais. Ao revisitar suas memórias de infância e juventude em poemas como “Vintém de Cobre (Freudiana)” e “Minha Infância (Freudiana)”, a autora transforma traumas e complexos em força motriz para a criação poética, alcançando uma espécie de autossuperação literária. Ramón enxerga nesse processo não apenas uma expressão individual, mas também um registro cultural e afetivo que documenta a vida de sua cidade e de seu povo, resistindo ao esquecimento e ao apagamento histórico.

Em síntese, a recepção crítica de Saturnino Pesquero Ramón à obra inaugural de Cora Coralina não só reconhece o mérito literário da poetisa, mas também amplia as possibilidades de leitura e interpretação de seu poemário. Sua análise, marcada pelo rigor teórico e pela sensibilidade interpretativa, contribui para a consolidação de Cora Coralina como uma das vozes mais importantes da literatura brasileira e latino-americana, cuja obra continua a inspirar e desafiar leitores e críticos. Ao destacar a universalidade, o compromisso social e a profundidade humana de sua poesia, Ramón reafirma a relevância de Cora Coralina como uma autora cuja voz ecoa além de seu tempo e espaço, ressoando como um testemunho poético da resistência e da beleza da vida simples.

REFERÊNCIAS

CORALINA, CORA. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1996.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. *In*: LIMA, Luiz Costa (coord.). *A Literatura e o Leitor: Textos de Estética da Recepção*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979, p.83-132.

Building the way

JAUSS, Hans Robert. A Estética da Recepção: Colocações Gerais. *In*: LIMA, Luiz Costa (Coord.). **A Literatura e o Leitor**: Textos de Estética da Recepção. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979, p.43-61.

NERUDA, Pablo. **Canto General**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1955.

PESQUERO RAMÓN, Saturnino. **Cora Coralina**: o mito de Aninha. 2. ed. Goiânia: Editora UFG, 2006.

Submetido em: 07/05/2025

Aprovado em: 20/02/0000

Publicado em: 31/07/2025